

## MESA REDONDA 05: Musicoterapia: Construções na Clínica

Debatedora: Lia Rejane Mendes Barcellos<sup>1</sup>

Helen Bonny, na sua Monografia n. 1 escrita em 1978, sobre o Método Bonny de Imagens Guiadas e Música, faz uma radiografia e uma análise crítica da musicoterapia da época, referindo-se à mesma como “musicoterapia tradicional”. Afirma que esta seguia de perto o modelo da educação musical, tanto no que se referia à formação quanto à prática. A ênfase na educação, afirma a autora, possibilita o ensino dos conceitos de música, utiliza o prazer vocal e instrumental que resulta dessas execuções, e encoraja experiências em grupo musical, mas, raramente, leva o paciente diretamente ou de forma mais profunda a uma auto-exploração.

Bonny ainda considerava, à época, que muitos musicoterapeutas se contentavam em permitir que a musicoterapia fosse classificada como uma terapia auxiliar, um título que pressupunha um papel secundário e, muitas vezes, uma responsabilidade menor no tratamento. O poder evocativo da música, continua Bonny pensando a musicoterapia há 30 anos atrás, muitas vezes tem sido reduzido a se adaptar como recurso à prática da terapia verbal e tem sido ajudado e instigado pelos músicos que se autodenominam musicoterapeutas. Estas críticas de Bonny eram absolutamente pertinentes para a época. Em 1974, quando éramos ainda alunas, assistimos a um filme produzido na Áustria apresentando a musicoterapia daquele país. Exibido no I Encontro Brasileiro de Musicoterapia, que foi o primeiro grande evento de Musicoterapia realizado no Rio de Janeiro, organizado pela então Associação Brasileira de Musicoterapia do Rio de Janeiro e pelo Conservatório Brasileiro de Música, este filme foi trazido pelo Dr. Andréas Rett, que classificou a Síndrome que leva seu nome e um dos convidados internacionais daquele evento. Saímos, todos alunos, dizendo que não se tratava de musicoterapia, mas não

---

<sup>1</sup> Musicoterapeuta clínica. Graduada em Piano e Musicoterapia. Mestre em Musicologia. Coordenadora do Curso de Pós-graduação em Musicoterapia e professora de Musicoterapia nos cursos de Graduação e Pós-graduação em Musicoterapia do CBM - CEU. Professora convidada da Universidade Federal de Pelotas - RS. Musicoterapeuta especializada no Método Bonny de Imagens Guiadas e Música – GIM.  
E-mail: [liarejane@imagelink.com.br](mailto:liarejane@imagelink.com.br)

sabíamos identificar o que era. Hoje sabemos que se trata de Musicoterapia na Educação Especial, área que se considera absolutamente importante, que tem suas intercessões na Educação Musical e na Musicoterapia e que não mais é vista como Musicoterapia Tradicional.

Mas, voltando a Bonny, pode-se dizer que com esta análise a autora identifica a necessidade de uma prática que Stige denomina, na sua tese de doutoramento em musicoterapia (2003) “uma nova musicoterapia”, inaugurada por Edward Thayer Gaston, tão esquecido por nós e visto como um dos pais da “musicoterapia moderna”.<sup>2</sup>

Recentemente revisei detalhadamente o *Tratado Musicoterapia* desse autor que tem por título original em inglês *Music in Therapy*, um dos primeiros livros escritos em musicoterapia (foi escrito e publicado inicialmente em 1961, mas a nossa referência é de 1968) e o primeiro traduzido para o espanhol, em 1971. Essa minha volta ao *Tratado* foi estimulada pelo programa de uma disciplina do curso de música em que sou aluna, que teve por objetivo a busca de *fontes primárias* de tratados de harmonia e contraponto escritos a partir de 1558<sup>3</sup> e o meu objetivo, nessa volta ao *Tratado*, era a elaboração do trabalho final da disciplina, que seria sobre musicoterapia, trilhando o mesmo caminho, ou seja, buscando subsídios nas primeiras fontes da musicoterapia. Esse trabalho não foi elaborado porque tive graves motivos pessoais na época. No entanto, essa leitura me permitiu ratificar que se trata de um livro de extrema importância não só pelo seu valor histórico, mas, também, pelo seu conteúdo, o que pode nos levar a considerá-lo como um dos *turning points* ou “momentos decisivos de mudança” da musicoterapia.

Podemos considerar que muitos são esses [*turning points*] “momentos decisivos de mudança” da musicoterapia e que eles aparecem como resultantes do que estou chamando de “pontos de tensão”, provocados por aspectos de diferentes ordens, e que algumas das questões discutidas no *Tratado* advêm destes momentos. Mas, que razões nos levariam a iluminar o *Tratado* aqui? A mais importante é que o foco principal de Gaston está na prática clínica, assunto que se constitui como o objeto central de discussão desta mesa redonda. O livro é dividido em 10 partes constituídas de 39 capítulos. Destes, os dois

---

<sup>2</sup> STIGE, B. 2003, p. 128.

<sup>3</sup> O primeiro Tratado de Contraponto – *The Art of Counterpoint* [A Arte do Contraponto] foi escrito em 1558 por Gioseffo Zarlino.

primeiros fazem parte da fundamentação da musicoterapia: o primeiro escrito pelo próprio Gaston sobre *O homem e a música* e o segundo da autoria de William Sears sobre *Os fundamentos da musicoterapia*. Estes são ainda hoje considerados dois textos importantes por muitos musicoterapeutas e foram, respectivamente em 1995 e 1996, incluídos na série *Artigos Clássicos* do *Nordic Journal of Music Therapy*, um dos mais conceituados periódicos de musicoterapia do mundo e cujo Editor é o Dr. Stige, que está entre nós. Os 32 capítulos que se seguem são sobre a prática, que Gaston já denomina *prática clínica*, isto em 1968, e três últimos capítulos que são dedicados à pesquisa, evidentemente quantitativa pela época em que foram escritos.

Numa releitura cuidadosa do *Tratado* percebe-se que nessa obra se dá um aprofundamento de cânones vigentes e a criação de novos cânones da musicoterapia da época; aí estão as sementes de muitas das questões que hoje estão postas na mesa de discussões e aí estão inseridos muitos aspectos que aparecem hoje como “novidade” na prática clínica.

Alguns aspectos merecem destaque:

- o fato de se ter uma nomenclatura onde aparecem já as “experiências musicais”;<sup>4</sup> referências à utilização de “improvisação musical livre”<sup>5</sup> sem orientação do musicoterapeuta ou “improvisação com poucas indicações”;<sup>6</sup> de “composição musical”;<sup>7</sup> de “audição musical”<sup>8</sup> e a “recriação de obras existentes”<sup>9</sup> [...] (p. 165). Também se encontra a modificação de letras ou criação de novas letras para canções existentes;

- o aparecimento da nomenclatura “técnicas musicoterapêuticas”;<sup>10</sup>

- as mais diferentes formas de atividades, algumas delas hoje apontadas como novas como é o caso da “estação de rádio do hospital” (que o autor não explica se era uma atividade dos pacientes);<sup>11</sup> atividades musicais em qualquer parte do hospital nas quais

<sup>4</sup> SEARS, W. 1968, p. 56; HOWERY, B. I. 1968, p. 73; BIXLER, J. 1968, p.165.

<sup>5</sup> SEARS, W. Op. Cit., 1968, p. 56; JOSEPHA, Hermana M. 1968, pp. 146; 149; COLLINS, 1968, 272; THOMPSON, M. F. 1968, p. 276; BRASWELL, C. 1968, p. 363; CROCKER, D. B. 1968, p. 387; 390.

<sup>6</sup> GRAHAM, R. 1968, p. 104.

<sup>7</sup> WERBNER, Natalie, 1968, p. 237.

<sup>8</sup> HOWERY, B. I. 1968, pp. 75.

<sup>9</sup> BIXLER, J. W. 1968, p. 165.

<sup>10</sup> HOWERY, B. I. Op. Cit., p. 65; JOSEPHA, M. Op. Cit., p. 140.

<sup>11</sup> SPRY, G. 1968, p. 264.

tomavam parte “os pacientes e o pessoal” da instituição;<sup>12</sup> dança em cadeira de rodas;<sup>13</sup> a execução de instrumentos também empregados por nós e outros que, por motivos culturais não introduzimos nas nossas práticas como, por exemplo, trompete, violoncelo, contrabaixo, clarinete e corne inglês.

- a utilização do gravador,<sup>14</sup> “por meio do qual o paciente podia escutar a sua própria atuação” (isso em 1961)! e a utilização do microfone;<sup>15</sup>

- a referência a procedimentos como a “testificação musical”;<sup>16</sup> e uma atribuição de importância à “história musical do paciente”<sup>17</sup>.

Embora o livro não seja centrado no musicoterapeuta, há um capítulo, escrito por Juliette Alvin, onde a autora abre um item sobre este tema, no qual ela lista “o conjunto de elementos musicais e técnicos” desse profissional para que possa responder “à maior parte dos pedidos dos pacientes”.<sup>18</sup> Aqui são encontrados aspectos que fazem parte da musicalidade que é um dos objetos de estudo de Piazzeta, (2005)?<sup>19</sup>

Embora a obra de Gaston tenha uma linguagem behaviorista, que se explica pelo contexto e época onde nasce, aparece a “transferência positiva”,<sup>20</sup> semente que aponta para um viés que reconheço não ser ainda a preocupação maior da época – a fundamentação teórica, neste caso, na psicanálise;

- uma parte inteira constituída por nove capítulos escritos por diferentes autores e dedicada à discussão da musicoterapia em comunidades (denominado exatamente como está aqui)!<sup>21</sup>

- o aparecimento da musicoterapia “como uma espécie de psicoterapia de apoio”,<sup>22</sup> assunto ainda hoje discutido com extrema cautela por muitos musicoterapeutas.

Enfim, eu teria uma lista interminável de aspectos aí apresentados, mas estes exemplos já nos são suficientes. Após essa leitura percebi que, no que se refere à prática

---

<sup>12</sup> THOMPSON, M. F. p. 274.

<sup>13</sup> HERMAN, F. p. 172.

<sup>14</sup> ROBISON, D. E. 1968, p. 224.

<sup>15</sup> BIXLER, J. W. Op. Cit., p. 164.

<sup>16</sup> CRIGLER, Carol A. & SNIVELY, Mickie, 1968, p. 187.

<sup>17</sup> ALVIN, J. 1968, p. 403.

<sup>18</sup> ALVIN, J. Ibid., p. 405.

<sup>19</sup> PIAZZETA, Clara. (ano)

<sup>20</sup> MICHEL, D. 1968, p. 195.

<sup>21</sup> Esta parte do livro é organizada por BRASWELL, C. e escrita por vários autores. 1968, pp. 361 – 420.

<sup>22</sup> GEWIRTZ, H. (1964), apud MICHEL, Richard. Op. Cit. p. 196.

clínica, se as práticas exercidas hoje forem comparadas às práticas de então, não teremos diferenças marcadamente significativas.

No entanto, e como era de se esperar, ganhamos em aspectos ligados a essa prática como: na escuta e leitura das sessões, que deságua na fundamentação teórica e que volta para a prática clínica; na compreensão do papel e da força da música como elemento terapêutico; na constatação da importância da leitura musicoterápica (decorrente tanto do desenvolvimento de novas possibilidades de fundamentação teórica como do desenvolvimento das relações entre musicoterapia e musicologia), e no reconhecimento da necessidade do desenvolvimento da formação musical e de aspectos pessoais do musicoterapeuta como, por exemplo, a musicalidade clínica.

Ganhamos em pesquisa que é, a meu juízo, a área mais recente a se desenvolver no Brasil e que vai ter suas ressonâncias na prática clínica, na teoria e na formação. E ganhamos na formação.<sup>23</sup> Mas, talvez o nosso menor ganho tenha sido na prática clínica e uma das causas está ainda no Gaston: porque como aí está descrito esta era, dentre as áreas aqui apontadas – clínica, teoria, formação e pesquisa –, a única que à época já estava razoavelmente desenvolvida, pois é por onde nasce a musicoterapia. Outros aspectos podem justificar esse menor avanço como, por exemplo, a não realização de algumas atividades pela preocupação com a nossa “identidade”. Muitas vezes se deixava de lado, ou ainda se deixa, atividades que são de extrema importância para o desenvolvimento do paciente, por conta dessa identidade.

Mas, voltando ao nosso tema é importante assinalar que a fala de nossas colegas sobre a prática clínica da musicoterapia – Lílian Coelho e Clara Piazzeta – vem ratificar as minhas constatações sobre os nossos ganhos nas questões que não estão diretamente no fazer clínico, mas que estão ligados à clínica: Lílian Coelho se concentra na discussão da escuta e de sua importância na musicoterapia. Na análise musicoterápica, na interpretação daquilo que o paciente traz, aqui no sentido da hermenêutica. Apresenta uma lista de formas de análise, mas coloca como ponto central, a escuta e a análise musicoterápica.

---

<sup>23</sup> O primeiro “plano de estudos” destinado especialmente à formação de musicoterapeutas foi oferecido na *Michigan State University*, nos USA, em 1944 e o primeiro curso acadêmico foi criado, também nos USA, na *Kansas University*, em 1946. No Brasil, o primeiro curso foi criado em 1972, no Conservatório Brasileiro de Música – Centro Universitário, no Rio de Janeiro. A primeira associação foi a *National Association for Music Therapy*, em 1950, (USA). No Brasil, três associações foram criadas em 1968: No Rio de Janeiro, Paraná e Rio Grande do Sul.

Piazzeta discute a questão da musicalidade clínica, seu atual objeto de estudo, e das habilidades necessárias para que o musicoterapeuta desempenhe melhor o seu papel. Para isto, se concentra principalmente no pensamento de autores brasileiros, fazendo comparações, levantando os pontos mais importantes de cada um e apontando semelhanças e diferenças.

Apresentando pontos comuns em seus discursos, as autoras trazem uma contribuição significativa para o pensamento da musicoterapia na atualidade.

Voltando a Gaston, seria interessante enumerar os três requisitos básicos que o autor levanta para o êxito da musicoterapia:

Sem a prática e a pesquisa, a teoria é impotente e impossível de ser comprovada; sem teoria e pesquisa, a prática é cega; e sem teoria e prática, a pesquisa é inaplicável. Se se fracassa em compreender em alguma medida a pesquisa, perde-se um dos três aspectos em que se apóia a musicoterapia.

E eu me permitiria acrescentar aqui um quarto aspecto que considero de fundamental importância: a formação/qualificação do musicoterapeuta para que possa melhor desempenhar seu papel na prática clínica, para melhor contribuir para o desenvolvimento da teoria da musicoterapia e para que se prepare para a realização de pesquisas no futuro.

Para terminar eu me permitiria deixar duas sugestões, sendo a primeira delas para os professores de musicoterapia: que voltem às fontes primárias não só como fontes históricas, mas analisando criticamente o seu conteúdo. E a segunda, que está intimamente ligada à primeira, para os musicoterapeutas clínicos: que se abra a prática clínica, dentro da ética, mas que seja livre de preconceitos; que deixe de lado as justificativas que se apóiam na questão da identidade, já agora razoavelmente adquirida, e que se utilize tudo aquilo que seja importante para o desenvolvimento do paciente como, por exemplo, a utilização de qualquer tipo de música, inclusive a religiosa; a organização de corais; a apresentação em público; enfim, o que for necessário para se facilitar o crescimento do paciente.

Muito obrigada.

## Referências bibliográficas

ALVIN, Juliette. Cambio de Pautas en Musicoterapia – el Paciente mental y la Atencion Comunitaria en Inglaterra. In: GASTON, Thayer E. y otros. *Tratado de Musicoterapia*. Paidos, Buenos Aires, 1968.

BIXLER, John. Musicoterapia para Niños con Paralisis Cerebral. In: GASTON, Thayer E. y otros. *Tratado de Musicoterapia*. Paidos, Buenos Aires, 1968.

BONNY, Helen. *Facilitating Guided Imagery and Music*. Baltimore: M Books, 1978.

BRASWELL, Charles. Panorama General. In: GASTON, Thayer E. y otros. *Tratado de Musicoterapia*. Paidos, Buenos Aires, 1968.

COLLINS, Carol. Informe de um Caso. In: GASTON, Thayer E. y otros. *Tratado de Musicoterapia*. Paidos, Buenos Aires, 1968.

CRIGLER, Carole A. & SNIVELY, Mickie. Musicoterapia para Pacientes con Audición Defectuosa. In: GASTON, Thayer E. y otros. *Tratado de Musicoterapia*. Paidos, Buenos Aires, 1968.

CROCKER, Dorothy Brin. Musicoterapia em um Estúdio de Musica privado. In: GASTON, Thayer E. y otros. *Tratado de Musicoterapia*. Paidos, Buenos Aires, 1968.

GASTON, Edward Thayer y otros. *Tratado de Musicoterapia*. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1968.

GRAHAM, Richard. Musicoterapia para Debiles Mentales no muy Profundos. In:

HERMAN, Frances Korson. Musicoterapia para Niños Hospitalizados con Distrofia Muscular. In: GASTON, Thayer E. y otros. *Tratado de Musicoterapia*. Paidos, Buenos Aires, 1968.

HOWERY, Betty Isern. Panorama General. In: GASTON, Thayer E. y otros. *Tratado de Musicoterapia*. Paidós, Buenos Aires, 1968.

JOSEPHA, Hermana. Musicoterapia para los Incapacitados Físicos. In: GASTON, Thayer E. y otros. *Tratado de Musicoterapia*. Paidós, Buenos Aires, 1968.

MICHEL, Donald. El Enfoque Psiquiátrico y la Musicoterapia. In: GASTON, Thayer E. y otros. *Tratado de Musicoterapia*. Paidós, Buenos Aires, 1968.

ROBISON, Doris. Musicoterapia en un Hogar de Niños. In: GASTON, Thayer E. y otros. *Tratado de Musicoterapia*. Paidós, Buenos Aires, 1968.

SEARS, William. Los Procedimientos en Musicoterapia. In: GASTON, Thayer E. y otros. *Tratado de Musicoterapia*. Paidós, Buenos Aires, 1968.

SPRY, Informe de un Caso. In: GASTON, Thayer E. y otros. *Tratado de Musicoterapia*. Paidós, Buenos Aires, 1968.

STIGE, Brynjulf. *Elaborations toward a Notion of Community Music Therapy*. Oslo: Unipub AS, 2003.

THOMPSON, Myrtle Fish. Terapias Mediante la Música y las Artes Creativas en el Ambiente de un Hospital. In: GASTON, Thayer E. y otros. *Tratado de Musicoterapia*. Paidós, Buenos Aires, 1968.

WERBNER, Natalie. Informes de Casos. In: GASTON, Thayer E. y otros. *Tratado de Musicoterapia*. Paidós, Buenos Aires, 1968.